

---

## **A maior sensibilidade da dor em mulheres**

Giovanna França Alves, Raquel Pereira de Souza \*

A dor, tal como descrita pela Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP), é uma experiência física e emocional. Tal experiência sofre interferências de variáveis como o sexo. Estudos demonstram que as mulheres são mais susceptíveis à dor devido a sua variação hormonal, e que elas utilizam mais medicamentos analgésicos do que os homens. As diferenças de percepção da dor são observadas na resposta clínica dos pacientes e na dor experimental tanto em humanos quanto em modelos animais.

Este quadro nos leva a colocar este assunto em pauta, visto que os episódios dolorosos são por muitas vezes incapacitantes e impactam na vida e principalmente do psicológico no sexo feminino. O enfoque nesse assunto poderá ajudar na propagação do mesmo e no manejo da dor por parte dos profissionais de saúde, haja vista que a dor é atualmente reconhecida como quinto sinal vital.

Em termos epidemiológicos, é conhecido que as mulheres são mais susceptíveis a desenvolver distúrbios crônicos da dor e desordens relacionadas ao estresse, tais como fibromialgia. Estudos demonstraram que o sexo feminino possui uma maior sobrecarga emocional em quadros dolorosos, marcados por tristeza, choro e outras características, enquanto nos homens observam-se maiores sintomas físicos. Este quadro emocional leva a maior sensibilização da dor, o que pode ajudar a entender o centro da diferença da dor nos sexos, entretanto, tal disparidade pode ser fruto da hiperalgesia ou até mesmo a hipoatividade do controle endógeno da dor.

As variações naturais e cíclicas dos hormônios femininos explicam a maior intensidade e menor limiar da dor na percepção de mulheres. Os receptores de estrogênio são expressos em áreas envolvidas na transmissão nociceptiva no sistema nervoso periférico e no sistema nervoso central. Além disso, o papel funcional da testosterona na dor é considerado protetor e antinociceptivo.

Tem se estudado também a maneira como as células imunes afetam a sinalização da dor e como os hormônios gonadais (progesterona, estrogênio e testosterona) afetam o sistema imune. Mulheres têm maior resposta inflamatória a danos teciduais do que os homens, com o desenvolvimento de maior inflamação resultando em mais dor. Com relação à dor neuropática, a maior frequência no sexo feminino é explicada por maior propensão a doenças autoimunes, trazendo a dor como um sintoma da patologia.

Para os profissionais da saúde é importante observar que essa diferença de percepção entre os sexos pode afetar a sua avaliação clínica, por exemplo, no uso de escalas que consideram a pior experiência de dor que se pode imaginar. Entender esses processos contribui para o desenvolvimento de técnicas analgésicas individualizadas, considerando os diversos fatores associados à percepção algica. Com isso, pode auxiliar na escolha dos medicamentos, visando um uso mais racional, além de medidas não farmacológicas, tal como o ato de dar

as mãos ao parceiro, visto que o toque age nos circuitos de estresse, emoção e atenção, proporcionando assim, uma menor percepção da dor.

Destaca-se a importância no manejo clínico e no desenvolvimento de pesquisas que associem a diferença de percepção da dor entre os sexos não somente a questões hormonais, mas também relacionadas a componentes comportamentais, psicológicos e socioculturais.

#### Referências:

- Aguda D, Género YRDE, Percepciones D, Hombres EN. Acute pain and gender relation: different perceptions in men and women. *Rev Rene*. 2013;14(1).
- López-Solà M, Geuter S, Koban L, Coan JA, Wager TD. Brain mechanisms of social touch-induced analgesia in females. *Pain*. 2019;160(9):2072–85.
- Maurer AJ, Lissounov A, Knezevic I, Candido KD, Knezevic NN. Pain and sex hormones: a review of current understanding. *Pain Manag*. 2016;6(3):285–96.
- Palmeira CC de A, Ashmawi HA, Posso I de P. Sexo e Percepção da Dor e Analgesia. *Rev Bras Anesthesiol*. 2011;61(6):814–28.
- Rosen S, Ham B, Mogil JS. Sex differences in neuroimmunity and pain. *J Neurosci Res*. 2017;95(1–2):500–8.

---

\* Editorial produzido no âmbito da disciplina "Seminários Avançados em Pesquisa em Ciências e Tecnologias em Saúde", do Programa de Pós-graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da Faculdade de Ceilândia, UnB.

#